Parenthese Geographico

TH. POMPEU SOB°.

SUMMARIO: Scepticismo geographico. Factores psychologicos da historia. Pesquisadores modernos da sciencia historica. A compressão interindividual e dilatação dos circulos sociaes. Phenomeno historico. O meio cosmico e a directriz do passado. Complexidade da historia. Sociologia versus historia e biologia versus pathologia. Explicações finalistas. Variaveis da funcção historica. Exclusivismo dos pensadores antigos.

O meio geographico, sua constancia apparente; a differenciação da historia e os elementos fixos. Determinismo geografico; exemplos caracteristicos. A massa e a energia social, transformações desta. Politica e empirismo. Processos de adaptação social versus geographia. Geographia da historia na peninsula Iberica. Individualidade da civilização peninsular. Influencia do clima. Sentido e processo das invasões. Unidade politica da Iberia. A alma pela geographia. Regionalismo historico parallelo a regionalismo geographico. União da geographia á historia.

Subordinado ao titulo "Parentesis anti-geográfico", illustre homem de lêtras português, o Sr. Fidelino de Figueiredo, muito apreciado no Brasil, de marte-

lo em punho percute rijamente a base de concreto sobre que assenta o conceito geographico da sociologia e, particularmente, da historia. O instrumento parece-nos leve demais para a solidez do material que pretende abalar. Convencido, porém, que o fará, canta prematuramente o epinicio da victoria.

"Ai do mapa politico do mundo e dos povos de mais vigorosa personalidade no dia em que se procurasse na geografia a origem e, portanto, o fundamento da sua existencia autónoma!"

"A velha idéa da indissolúvel união da geografia á historia era defensável, emquanto a geografia era pura descrição fisica do scenário, emquanto se limitava ás evidentes relacionações, as que o simples senso comum aponta." (sic).

"O determinismo mesológico é uma superfetação, quando pretente ascender ás formas superiores da vida histórica."

Neste diapasão continúa e finaliza sentenciosamente: "a atitude dos paladinos da geografia social, politica ou humana representa um passo no caminho da desilusão". (Sic!).

Admitte o douto articulista, quasi por favor, que a vida vegetativa do homem como do animal e da planta está ligada ao determinismo geographico, mas, a verdadeira historia "a história dramática, os grandes movimentos, as grandes individualidades, os altos ideais, as vagas de acção ou de sensibilidade, os rumos novos da civilização — essa só a explica o próprio dinamismo psiquico, a força criadora da alma, as suas altas inspirações, o feliz equilibrio das suas capacidades sôbre-excitadas, o seu declinio, tudo que constitui o choque das vontades, o dominio, a imitação colectiva, a potenciação misteriosa da energia."

E' um scepticismo elevado a alta potencia. A geographia da historia não passa de ficção; a propria hesitação dos nomes já é bastante para o indicar. "Efectivamente, politico, humano ou social, não há um fenómeno tipico, ainda não estudado, que possa

proporcionar o fundamento a uma sciencia nova, com suas leis, sua metodologia e finalidade".

E' admiravel! Mas a obcessão do escriptor tem raizes muito fundas, pois lhe parece melhor explicar a historia aprioristica e deductivamente, sugeitando-a ao despotismo do racionalismo, do que inductivamente, pela investigação scientifica, como vêm fazendo os grandes mestres. "...prefiramos praticar antes o abuso do lógico, mas não o paralogismo, saindo da alma para a terra, nessas fantasias deterministas". Pela ultima phrase, é licito pensar que o sabio publicista prefere antes a concepção theologica da historia ou talvez o ideologismo empirico, senão mystico, da infancia do pensamento prescutador.

Vejamos se lhe assistem razões plausiveis que justifiquem os propositos iconoclastas de que se mostra vigorosamente animado.

Na publicação referida, expõe alguns motivos do seu scepticismo geographico. O relêvo do solo da peninsula Iberica, as difficuldades de acceso, a formidavel muralha dos Pyrineus não impediram as invasões na Espanha. "Os invasores sempre se riram dos obstaculos geograficos quando obedecem a uma força expansiva e dominadora. O sentido e processo das invasões dependem sempre menos da geografia que da propulsão interior e do caracter da civilização invasora". Confirmando este pensamento, refere adiante: "Os povos fortes riem-se da geografia, das suas unidades isoladas, dos obstáculos naturais, dos Pirinéus todos, como portugueses e espanhóis se riram do mar tenebroso, dos desertos dos cabos tormentorios, dos rios caudalosos e imensos como o Amazonas e o Mississipi, de montanhas vertiginosas como os Andes".

A dureza do clima da meseta que teria dado ao castelhano o seu caracter duro e austéro e a sua capacidade para a colonização em paizes exóticos não operou do mesmo modo sobre os árabes e os mouros, de maneira a differençá-los neste sentido: "Pelo contrario, o árabe da meseta debandou ante o cristão

muito mais cedo que o árabe das enlanguecedoras terras do sul".

A geographia nunca serviu, nem mesmo para orientar as invasões. "Os invasores sabiam sempre muito pouca geografia e caminhavam um pouco ao acaso... Muitas vezes mesmo seguiam o caminho mais longo ou mais arriscado." Entretanto, "o acatamento ou aproveitamento da geografia presupõe um conjunto panoramico da fisionomia dos continentes (sic!) que só muito modernamente surgiu".

"A idéa da unidade geografica da peninsula nasce com a história, não determina a história".

Parece-lhe impossivel concorra a mesologia para explicar a formação duma alma e a peculiaridade de uma civilização. "O meio fisico permanece, mas as almas que o habitam e lhe sofrem constante influxo variam e até se contradizem no conspecto dos seculos".

Se a mesologia fosse sciencia exacta ou ao menos aproximativa, deveria haver um regionalismo historico parallelo ao geographico, o que se não verifica, pois que a Iberia tem 17 regiões naturaes (segundo o professor Dantin) e no entanto muitas destas apresentam o mesmo aspecto historico, "coincidencia de vida politica, repetição de atitudes historicas que significam a nenhuma influencia dessa diferenciação geografica".

Nenhuma relação politica entre o homem e a terra. Até mesmo o facto mais saliente do predominio regional não o creio de acôrdo com esta caracterização geographica. Cita em favor deste conceito alguns exemplos de que destaco tres dos mais curiosos. O predominio de Castella que diz historicamente explicado pela tomada de Granada, a vida européa e a colonização da America. Portugal, differenciado em tres regiões naturaes (prof. Dantin) que attingem a Espanha e deveriam apertar os laços de solidariedade politica com esta, fórma contudo unidade politica autonoma. Entre Espanha e Portu-

gal não são cursos fluviaes ou cumiadas de montanhas as muralhas divisorias, justificativas duma separação politica.

Finalmente, traz uma objecção que lhe parece decisiva, clara, irresistivel que brande para dar o golpe derradeiro. Aponta povos maritimos que durante seculos viveram desinteressados do mar ,como a Inglaterra. Por que tambem não cita Portugal, Espanha, Hollanda e outros mais?

Por tudo isto se convence de que a geographia, que muito prometteu explicar factos historicos, deu bem pouco; está mesmo em plano inferior a essa causalidade transcendente e subtilissima de que ennumera bôa copia: dynamismo psychico, força criadora da alma, potenciação mysteriosa da energia.

Vê-se que, de qualquer maneira, se trata de um adepto da concepção psychologica da historia, que tudo explica pela natureza do homem, pela suas paixões, sentimentos, crenças, idéas, necessidades physiologicas e sociaes.

Mas, mesmo assim, o modo de encarar a questão é falho e incompleto porque esquece os determinantes physiologicos, atendo-se exclusivamente ás propulsões espirituaes a que chama **"dynamismo psiquico, força criadora da alma."**

Realmente, exclama profundamente convicto: "E' necessario deslocar de novo da mesologia para a alma a fôrça e as capacidades criadoras, e abrir nessa disciplina (a historia) um capitulo de prudência, o do incognoscivel, o do fatal mistério".

Portanto, o motor por excellencia do drama da historia é a alma humana, agitada pelas suas altas inspirações e por esse "esquesito equilibrio das suas capacidades sobre-excitadas".

Seria mais natural suppôr antes que capacidades assim tão excitadas, em vez de equilibrio, provocassem desequilibrio.

Tambem, é de estranhar esse capitulo do incognoscivel ou do fatal mysterio, uma vez que a alma

goza de tanto prestigio, de tanta força criadora e de tanto dynamismo, e, por conseguinte, tudo póde. Parece que elle somente constitúe complicação desnecessaria deante daquella força criadora da alma e da potenciação mysteriosa da energia que bastariam para explicar, como outrora a Providencia, todas as representações dramaticas da historia.

Mas, desprovidos dos elementos cosmicos, do meio ambiente, da influencia social, da tendencia orientadora do passado, os factores psychologicos, assim desamparados, até mesmo do estímulo evidente dos agentes economicos, reduzidos ás puras manifestações immanentes do espirito, foram relegados a uma posição mediocre, na responsabilidade multilinear dos phenomenos historicos. O bom senso basta para mostrar que a pobre alma humana, só por si, ou mesmo associada ás necessidades vegetativas da vida, apenas póde explicar uma parte do complexo phenomeno historico; é parcella que se combina com diversas outras na composição do drama.

Para estudar o encadeamento dos factos historicos e procurar induzir as condições em que elles se processam, as suas causas determinantes e as suas consequencias, não é preciso remontar ás causas primeiras, ás causas transcendentes, assumptos precípuos de outras disciplinas. Determinantes tão longinquos no passado, bem como o destino final da humanidade, a ultima scena do ultimo acto, não mais interessam aos pesquisadores modernos da historia.

Bastam-lhes as causas naturaes e proximas. Fazem como os physicos e os chimicos quando estudam os phenomenos das suas especialidades; encerram-se dentro do espaço historico e ahi promovem os seus árduos ensaios, observando, comparando e induzindo relações. Se encontram tropêços, lacunas, obstáculos insobremontaveis, se os factores da evolução se occultam, fogem, desapparecem por insufficiencia de conhecimentos, reconhecem promptamente a sua ignorancia e appellam confiantes para futuro mais

bem informado. Contentam-se com o estudo methódico, attento, constante da natureza physica, do homem e do seu passado. Jamais ensaiam phantasias ou inventam causalidades verbaes, com que illudiriam apenas os leitores incautos. Deixam o Criador com as suas funcções supremas no Universo, a Providencia com os seus designios transcendentaes e fóra do limitado alcance da intelligencia humana, o incognoscivel e os mysterios insondaveis e tudo quanto excede a compreensão dos pesquisadores que, destarte, poupam aos leitores expressões inanes, palavras sem sentido preciso, taes como: força objectiva da historia, forças superiores, força criadora da alma, altas inspirações, potenciação mysteriosa da energia e muitas outras, que nada dizem, nada explicam.

Preside á evolução das sociedades um principio que se póde dizer universal, porque vem da extrema expressão da materia. Entrevisto pelo geographo Ratzal (lei espacial), Richard (lei da extensão) e generalizado por Miranda que o denominou principio da **crescente integração e dilatação dos circulos sociaes,** está intimamente correlacionado com outro principio, o da **diminuição do "quantum" despotico,** verificado em toda sociedade que evolve.

Resulta em todo circulo social uma compressão individual, reciproca mas de caracter accommodaticio, em beneficio da sua integração e dilatação. Esta accommodação se faz mercê dos processos de adaptação conhecidos, cuja efficiencia é inversamente proporcional ao "quantum" despotico.

A sociedade, por conseguinte, age sobre os individuos, sujeitando-os a um processo de conformação que nem sempre se realiza sem constrangimentos e prejuizos da liberdade pessoal. Como não póde haver acção sem a correspondente reacção, o individuo protesta e por sua vez vai influir, mais ou menos ef-

ficazmente, sobre a sociedade, modificando a adaptação geral. A reacção se faz sentir tanto mais energicamente quanto maior é a integração do elemento individual, e o seu effeito póde ser no sentido de contrariar o processo adaptativo ou, ao contrario, no sentido de exaltá-lo, accelerando anormalmente a sua marcha; de qualquer maneira, porém, rompe o equilibrio dynamico normal e caracteristico das circunstancias ambientes geraes. Arma-se, pois, uma dissymetria e decorrem phenomenos especiaes e bem definidos-phenomenos historicos.

Mas, com a dilatação dos circulos sociaes, uns interferem nos outros, dando lugar a relações mais complexas entre elles. Deste modo surdem acções e reacções reciprocas no sentido amplo, mais ou menos remoto, de accommodações mais largas. Dimanam destas circunstancias para os circulos, considerados individualmente, effeitos que se reflectem em perturbações dos processos adaptativos respectivos, no sentido positivo (acquisições de elementos culturaes uteis), trazendo um surto evolutivo; ou no sentido negativo (pilhagem, guerras, conflictos), trazendo um augmento do "quantum" despotico. Ordinariamente, as cousas passam-se de modo tal que ha para os círculos inferiores progressos adaptativos em certos processos, e regressões em outros, podendo sair do balanço final uma resultante positiva ou negativa, isto é uma evolução ou uma involução.

O que, porém, jamais deixa de haver é a perturbação na marcha normal da adaptação dando lugar ao phenomeno caracteristicamente historico.

Vê-se que, em resumo, estas alterações nos processos adaptativos, dentro de dado círculo social, são de cunho essencialmente humano; promanam das reacções individuaes provocadas pelos interesses de

ordem social ou superiores que muitas vezes collidem com interesses de ordem pessoal. Mesmo quando a reacção é originariamente de círculo a círculo, o caracter pessoal torna-se evidente porque, em ultima analyse, os esforços em jogo, depois de vencidas todas as forças passivas, que são inevitaveis, como o attrito em mecanica, tendem para uma accommodação dos individuos, dos agrupamentos em contacto, a uma ambiencia mais larga, a um círculo maior que se está constituindo insensivelmente e do que vai resultar, finalmente, uma diminuição mais consideravel do "quanto" despotico, beneficiando individualmente a todos.

Mas, tanto as acções conformadoras da sociedade, como as reacções dos individuos ou dos círculos entre si estão fatalmente subordinadas a dois freios directores que lhes dão orientação determinada e não arbitraria: o meio cosmico e as tendencias fortes do passado.

Tudo isto mostra como o estudo scientifico da historia supera os de outras disciplinas que dependem de menor numero de variaveis independentes.

Sob este aspecto sobrepõe-se á sociologia de que aufere recursos explicativos importantes. O espaço historico, conquanto mais estreito, está relativamente mais cheio de relações do que o espaço social. A complexidade da historia reclama para esta, lugar acima da propria sociologia de que não póde prescindir, como esta sciencia, por sua vez, não prescinde das que occupam os degraus inferiores da escada hierarchica dos conhecimentos.

O espaço historico sobrepõe-se ao social, mas importa não confundi-los. As relações historicas são parcialmente relações sociaes, por isto que uma grande porção dellas dimanam de certos termos sociaes; mas as relações puramente sociaes não são historicas no sentido rigoroso. Todos os factos normaes de

evolução social escapam á competencia da historia que limita seu campo de acção ás perturbações accidentaes dessa evolução.

De um modo grosseiro, póde-se comparar a sociologia á biologia que se occupa da vida normal, do organismo sadío; a historia á pathologia que se occupa das molestias, isto é, das alterações accidentaes do funccionamento da vida.

O espaço biologico é maior do que o pathologico, mas este é mais denso. O facto pathologico interessa á biologia, por isto que implica num desvio de funccionamento organico; mas os factos propriamente biologicos independem da pathologia, sem os quaes os sêres vivos evoluiriam normalmente.

Assim compreendida a historia, os factores determinantes das suas relações resultam mais interdependentes e de especialização mais estreita do que se julga commumente.

Do electron á sociedade humana o polymorphismo cresce consideravelmente, complicando-se pela appariçáo continuada de phenomenos novos mais complexos e portanto de mais difficil apreensão para a nossa limitada intelligencia. Ora, a historia que exerce suas funcções em campo estreito, contido no campo social, offerece um maximo de complexidade e portanto de difficuldades pelo numero de suas variaveis, pela interdependencia dos seus factores.

Conclue-se logicamente do que vimos de dizer a inconveniencia consideravel que ha em explicar a historia somente com os magros auxilios da alma humana, realmente uma das suas variaveis, compendiada sob o titulo mais largo de factores psychologicos da historia.

Resulta desta deficiente concepção a difficuldade de compreender phenomenos tão complexos. Entretanto, por esta estrada fragosa, estreita e sem saída, marcham caminheiros claudicantes! A insaciavel sêde de saber (biophylaxia social) exige, porém,

explicações finalistas que o pensamento rudimentar architecta com o auxilio pouco seguro dos sentimentos e, mais tarde, com a logica racionalista, tambem falha.

O pensamento moderno arranca-as, mais ou menos approximadas, perfeitas ou certas, da observação e experimentação objectiva dos factos, quando dispõe de elementos sufficientes. Ora, os adeptos da concepção psycologica, atendo-se ao exclusivismo de ambito tão deficiente, premidos pela exigencia insopitavel de luz, de causas, só encontram uma saída — a criação de entidades illusorias, mysteriosas, subtilissimas para dar dynamismo, força, energia á alma humana. Em geral, sentem no intimo que isto ainda não basta. Então, estendem a mão supplice e vão pedir á concepção metaphysica ou ideologica, senão, mais adiante ainda, no passado, ás concepções intuicionistas e theologicas, arrimo para as suas construcções de fraca estabilidade. Decorre de taes circunstancias um verbalismo esteril com que pretendem vencer as mais duras difficuldades e resolver os mais serios problemas, sem, contudo, terem adiantado um passo sequer no conhecimento positivo do mundo.

Do que vimos de expôr, depreende-se que o phenomeno historico é funcção da **sociedade,** em cujo seio se processa; do **homem,** factor activo de cuja actuação nasce; da **tradição historica** que concorre para orientar o procedimento dos homens e, finalmente, do **meio geographico** (mais geralmente, cosmico), ao mesmo tempo scenario e fonte de energias do drama historico.

Os antigos sabios não tinham para a historia uma orientação scientifica; faltavam-lhes elementos para compreenderem o processo historico que se desenvolve no decurso de seculos. Na Idade-Media surgiu uma concepção, uma systematização moldada

de accôrdo com a mentalidade de então, tendo como pioneiro um pensador illustre, S. Agostinho, que tudo subordinava a um plano divino. Segue-lhe as pegadas Bossuet e vêm depois os providencialistas modernos (Maistre, Bonald) que deram as ultimas demãos á theoria theologica. Surgem os criadores da concepção mataphysica que substituem a Providencia pelo espirito, a idéa e, como a precedente, pretendem construir **a priori** o edificio historico; finalmente, acompanhando o evolver de todas as sciencias, chega-se á concepção scientifica com os seus methodos rigorosos. Em todos os tempos, porém, os pensadores meditaram sobre os factos historicos, attribuindo-lhes motores exclusivos: Deus ou a Providencia, a Idéa (Hegel, Humboldt etc.), o meio geographico (de Platão e Aristoteles, passando por Montesquieu, Herder, Buckler e muitos outros até os nossos dias),a physio-psychologia humana que pretende explicar a historia pelas necessidades, paixões, crenças, economia dos homens (Thucydide, Ferguson, Comte, Tarde, Lazarus, Steinthal etc) e, por fim, a sociedade, (Gumplowicz e outros).

A grande falta estava no exclusivismo, antes mesmo do que nas proprias concepções. A historia, como a sociologia, como a biologia, não comporta explicações unifilares; exige a interdependencia dos factores.

O meio geographico não póde determinar o phenomeno historico, mas, nem por isto, deixa de condicioná-lo, orientando-o, estimulando-o, prolongando-o ou retardando-o, limitando, senão impedindo, a sua realização. Tem, por conseguinte, um caracter francamente passivo e é talvez por isto que muita gente o não appreende.

Para que num meio geographico dado surjam phenomenos historicos é indispensavel que elle receba o material humano, que uma sociedade venha occupar certa área e ahi evolúa. De igual maneira como não é possivel conceber molestia sem organismo

vivo, pathologia sem biologia, não haverá historia sem sociedade.

O meio cosmico, embora eminentemente passivo, não cessa de agir: sobre a sociedade, concorrendo para orientar a sua evolução; sobre os individuos, exigindo-lhes adaptações especiaes. Portanto, não poderia deixar de influir sobre os factos historicos. Mas, além dessa acção indirecta, actúa directamente. No primeiro caso, permitte e estimúla o facto; no segundo, dá-lhe direcções possiveis, mais ou menos energia; accelera, retarda ou o faz cessar.

O seu caracter de absoluta necessidade é evidente, porque não ha facto historico que se não processe num espaço geographico, e, desde que nasce e se desenvolve em contacto com a ambiencia cosmica, experimenta a sua influencia.

Os que não compreendem a acção do meio physico ou geographico sobre a sociedade e a historia objectam ordinariamente que, sendo este meio constante, os phenomenos sociaes e historicos deviam ser uniformes, em meios identicos, e entretanto, nada mais variavel do que taes phenomenos, maximé os ultimos, que jamais se repetem. Ora, este phenomeno é funcção de muitas variaveis independentes ou melhor é uma funcção composta de varias funcções, cada uma, por sua vez, tendo diversas variaveis independentes. O meio physico é apenas uma destas funcções componentes ou secundarias, sem a fixidez proclamada pelos que ignoram elementares principios de geologia. O meio geographico varia evidentemente no espaço e no tempo, apesar de nos dar a impressão de immobilidade pela curteza da vida humana. Não ha na superficie do globo dois espaços mais ou menos consideraveis geographicamente identicos, portanto, condicionando diversamente, mais ou menos perceptivelmente, a evolução natural ou normal das sociedades nellcs implantadas que, por sua parte, acommodando-se, reagem differentemente. Mas, se as sociedades variam, em maior es-

cala o fazem os elementos individuaes, sensivelmente mais plasticos. Com o desenvolvimento cultural, os homens reagem mais energicamente contra o meio, procurando adaptá-lo ás suas necessidades organicas, portanto, modificando-o, isto é, fazendo geographia. Destarte, a differenciação dos meios physico e social cresce e, concomitantemente, a differenciação historica. Imagine-se agora como não é rigorosamente natural esta variação da historia no espaço e no tempo condicionada simultaneamente pelo meio social instavel, pelo meio geographico variavel e pelos homens cujo psychismo muda a cada instante. A complexidade do phenomeno historico não póde admittir repetições; seu **facies** caracteriza-se pela multiplicidade de aspectos. Como não ha dois individuos identicamente conformados e duas escriptas de punhos diversos coincidentes, effeitos de causas menos complexas, não haverá tambem dois phenomenos historicos absolutamente iguais. Destas circunstancias deriva o scepticismo de notaveis historiadores sobre a possibilidade de erigir em sciencia a historia dos homens. Sciencia presuppõe leis, isto é, repetições, uniformidade. Como, pois, nessa terrivel variabilidade, incompativel com a noção de lei, estabelecer uma relação necessaria entre factos? O problema que se apresenta agora exorbita do plano deste artigo e delle não devemos tratar. Contudo, diremos que ha leis historicas, como ha leis sociaes, biologicas, physicas, chimicas etc.

No **maremagnum** daquella variabilidade é possivel descobrir algo de uniformidade e de fixidez. O plano biologico que moldou a especie humana deu-lhe certas necessidades communs que determinam a uniformidade de muitas instituições e a semelhança de muitas outras. Finalmente, é certo que o phenomeno historico encerra partes constantes ou relativamente constantes, decorrentes de propriedades fundamentaes constantes, dentro de limites determinados. Embora o facto historico tenha uma physiono-

mia singular, caracter proprio ou individual, deixa perceber na sua contextura traços de semelhança e até de quasi identidade com outros factos historicos. Isto é perfeitamente natural; em analyse mathematica as funcções, mesmo as de muitas variaveis independentes, têm termos constantes, coefficientes fixos que influem na variação da funcção, impondo-lhe certas condições, impelindo-a por determinados caminhos. Dá-se o mesmo em sociologia e em historia, as funcções de que depedem, embora de muitas variaveis independentes, têm elementos fixos, coefficientes constantes, immutaveis que dão orientação determinada á variação da funcção principal, — o phenomeno social ou historico.

Admitte o "Parentesis anti-geografico" que a historia agricola, humilde e anônima, em que o homem mal se differença da gleba, recebe dados explicativos da biogeographia, igualmente exacta no seu determinismo para a planta, para o animal e para o homem.

Deixemos, pois, esta historia elementar e somente consideremos o que o illustre publicista chama a "historia dramatica, os grandes movimentos etc"., e vejamos se ha exemplos expressivos que mostrem o seu determinismo geographico.

Um caso que se póde considerar typico e algo citado, refere-se á historia da velha e tradicional cidade de Laon, em França.

Sobre uma colina calcarea da escarpas muito empinadas, entre os rios Oise e Aisne, dominando sobranceira a planicie circumvizinha de areias, está edificada Laon. Sua posição elevada, o accesso difficil e a insalubridade da região baixa e pantanosa que cercava a eminencia calcarea por todos os lados têm exercido decidida e clara influencia em toda a velha historia desse lugar.

Ali, sobre a colina inexpugnavel, o christianismo resistiu ao embate dos nordicos destruidores; lá, conseguiram refugio seguro os ultimos carlovingios. Não foi somente nesses tempos recuados que Laon, pelas condições de sua geographia, figurou como comparsa notavel do drama historico da França; nas guerras napoleonicas e na recente e frustrada invasão dos germanos, as colinas calcareas daquella região, inclusivé a de Laon, desempenharam importante funcção na sequencia de batalhas que se travaram por entre ellas, já decidindo da victoria, já obrigando os contendores, respectiva e successivamente, a maiores sacrificios, senão facilitando-lhes manobras; sempre, porém, orientando, determinando um certo modo de agir, influindo apreciavelmente no desenrolar do movimento bellico; e esse movimento bellico foi sem duvida um grande movimento, um drama doloroso da historia do mundo.

Bem cedo os habitantes de Laon, sob a influencia da posição geographica privilegiada da cidade adquiriram a consciencia da sua fortaleza, o que de certo modo explica essa audacia de que sempre deram eloquentes provas. Não teremos aqui, porventura, um caso positivo de relações entre a geographia (posição, relêvo do solo, constituição geologica) e a psychologia collectiva? Não será este um caso dos **altos ideaes** ou das **vagas de sensibilidade**, de que nos fala o "Parentesis", condicionados pela geographia?

A importancia historica dos caminhos, naturaes ou artificiaes (todos são factos geographicos) é incontestavel. Além de provocarem uma attração de elementos humanos heterogeneos, concentrando-os em certas posições, muitas vezes por elles mesmos determinadas agem reduzindo as distancias, approximando os povos, facilitando a sua interpenetração, e, portanto, proporcionando infinitas opportunidades para a consecução de phenomenos historicos os mais variados.

Criando deste modo differenciações humanas,vão reflectir-se directamente nos principios psychologicos, estimuladores dos germes de onde saem os estados, politicamente organizados e autonomos. Os caminhos têm sido, desde tempos immemoriaes, a causa precipua de muitos conflictos e rivalidades entre partidos, povos e nações. Ainda estão na memoria de todos o conflicto anglo-turco e a questão árabe, ambos consequentes do prolongamento de estradas de ferro na Siria e na Arábia. A expedição inglêsa sobre Bagdad visava deter a marcha germanico-turca para o golpho da Persia e o caminho das Indias, bem como proteger a exploração da "Anglo-Persian Oil Co.", reserva vital de combustivel para os transportes da frota e do commercio (Brunhes).

Ahi fica um facto caracteristico da influencia da geographia (caminho, circulação, recursos naturaes do solo) sobre a historia (expedição britannica). Que seria ainda hoje politica e socialmente o hinterland amazonico se não fosse a portentosa rêde fluvial navegavel do maior rio do mundo? Estaria certamente o enorme deserto verde por muitos annos ainda segregado da civilização occidental. Consequentemente, o **drama** que se tem representado no Estado do Amazonas seria ainda inedito.

Sem os estreitos caminhos dos indios e os rios, a historia das bandeiras paulistas teria sido outra muito diversa; o contôrno do Brasil e a tragedia das missões jesuiticas mostrariam outro aspecto e talvez a guerra do Paraguay se não tivesse ferido.

Os depositos naturaes de productos do solo que interessam visceralmente as grandes industrias, sobretudo o carvão de pedra e o petroleo, provocam indirectamente importantes acontecimentos historicos; o problema do combustivel domina hoje imperiosamente a vida economica e politica do mundo civilizado.

Quem, por ventura, desconhece que os petroleos da Mesopotamia tiveram decisiva influencia no accor-

do anglo-francês de 1919? Na Inglaterra, Victor Bérard notou e mostrou que o "imperialismo" de Chamberlain era principalmente o imperialismo do representante de Birmingham ou, melhor, das regiões da hulha.

Um autor conhecido observa que na Allemanha a hulha é mais do que um fermento revolucionario de natureza economica, porém uma revolucionaria de caracter historico. Ali, o desenvolvimento da actividade industrial foi dirigido pelo sub-solo, particularmente pelos depositos de hulha (H. Moysset). Por aqui se vê como "as grandes individualidades" agem sob o imperio de factores geographicos.

Quem de historia Patria tem noções, sabe como as minas de ouro e as jazidas de pedras preciosas do Brasil central influiram visceralmente sobre toda uma ordem de factos historicos relacionados com a economia do paiz e de Portugal, com a politica, com o povoamento, com a ethnographia de largas regiões da nossa terra, com a historia, finalmente.

A presença ou ausencia dagua e a sua abundancia ou deficiencia são ricas de consequencias historicas. Da existencia do liquido precioso mais ou menos facil depende o aparecimento, o desenvolvimento ou atrophia de cidades e até de regiões importantes. Mais de uma localidade sitiada rendeu-se pela sêde consequente da falta dagua no subsolo. Quantas outras nasceram, cresceram e prosperaram por disporem deste liquido em abundancia para o abastecimento dos seus habitantes ou para as industrias? Muitos factos de povoamento se explicam com uma carta hydrologica na mão. Por que razão os desertos são deshabitados? De certo não é porque falte dynamismo aos homens nem força criadora ás almas.

Sem o Nilo, o Egypto, fertil em phenomenos historicos, seria um deserto inexpressivo e não encheria as nossas estantes essa rica bibliographia da

terra dos pharaós, nem os museus dos centros cultos esse acêrvo riquissimo de reliquias dos velhos tempos do paiz africano.

Não é possivel divorciar os factos de occupação improductiva do solo do seu aspecto geographico, da sua constituição geologica e da sua biogeographia, e bem sabemos como elles se reflectem em certos phenomenos sociaes e historicos.

A construcção das habitações typicas de uma região está subordinada fortemente aos recursos naturaes da terra e os caminhos, no seu traçado, obedecem á natureza e á constituição do solo.

O mesmo, e com mais forte razão, póde-se dizer dos factos de occupação productiva. As culturas possiveis numa dada zona são regidas pela natureza, conformação vertical, constituição physica do solo e pelo clima. Ainda, com maior força de razão, os factos de economia destructiva, como as explorações mineraes, estão mais intimamente ligados á geographia physica, e elles, como já deixâmos dito, têm forte repercussão na historia.

A densidade demographica e a distribuição dos homens numa dada região importam seriamente, tanto á sociologia como á historia, pois influem na organização politica, na importancia e frequencia dos conflictos de toda a especie por ventura occorrentes no seio da sociedade que ahi se desenvolve e em muitas outras questões, correlacionadas com os processos adaptativos. As grandes agglomerações humanas constituem campo propicio á fermentação das paixões, dos vicios e das virtudes, estimulantes por excellencia de phenomenos de ordem historica.

As relações que ligam a geographia á historia revelam-se por vezes extremamente subtis, mas, nem por isto, escapam aos observadores attentos e perspicazes. "Percorrendo a Palestina, diz Brunhes, compreendi o sentido de certos episodios dos Evangelhos em vista do quadro geographico. Christo não acha

discipulos entre o povo da sua cidade natal, mas é seguido pelos pescadores de Tiberiades. Ora, os habitantes de Nazareth, pequenos agricultores, como todos os da sua profissão, ficam presos á terra que cumpre trabalhar.

Com o horizonte limitado ás suas culturas, são rebeldes ás novidades, e a lavoura é incompativel com aventuras, mesmo quando se trata de seguir o mais seductor dos conductores de homens. Ao contrario, os pescadores do lago vaguêam irregularmente, pelas exigencias proprias do seu officio. A pesca é arriscada, depende do acaso mais que do trabalho e tem algo de phantasias; e depois, os dias de abundantes pescarias, de pescarias miraculosas occorrem algumas vezes e tão fartas colheitas permittem aos pescadores repousar na tranquilidade do lar durante dias ou facilitam viagens. Vê-se que os pescadores de Tiberiades, pelas condições geographicas do meio em que vivem, estão melhormente predispostos do que os agricultores de Nazareth para acompanhar Jesus pela Galiléa, e assim compreendemos mais facilmente o que nos conta a historia". De certo, ninguem vai suppôr que somente por isto os pescadores seguiram o Messias e os agricultores sedentarios o não fizeram. Evidentemente, como em todos os casos ,outros motivos intercorreram, quer de caracter psychico, dentre os quaes cumpre lembrar o que se encerra no brocardo — **santo de casa não obra milagre**; quer tambem de cunho economico ou social, como o relativo ao estado de pobreza etc. Não percamos de vista que o facto geographico, só por si, é insufficiente para explicar satisfatoria ou completamente facto historico, mas concorre com valioso contingente para essa explicação, sendo certo que, muitas vezes, constitúe o maior contribuinte. A relação entre o factor natural, praticamente fixo, num tempo limitado, e o factor humano, eminentemente variavel, transforma-se constantemente e não raro occorre o caso de uma completa inversão dos termos de tal relação.

Embora já tenhamos exemplificado bastante, não nos parece inconveniente trazer ainda meia duzia de casos, para nós, especialmente curiosos, porque os temos á mão, no nosso proprio meio geographico.

O fracasso da primeira expedição ao Ceará resultou principalmente, não da falta de dynamismo ou de energia da parte dos expedicionarios, mas das condições geographicas da região. Um dos motivos que trouxeram os hollandeses a estas terras foi a noticia de minas de prata e aqui elles não se firmaram pelas difficeis condições do meio physico. A rapidez com que os sertões cearenses foram occupados explica-se pela natureza physica do seu solo, especialmente propicio ao desenvolvimento da criação de gados. A maneira como o povoamento se fez resulta evidentemente da disposição hydrographica da região. O modo de vida do sertanejo, o seu espirito de nomadismo, o seu fatalismo promanam mais da especialização do meio physico do que de outras causas. A conquista do Acre, a exploração do Amazonas devem-se mais ao clima do Nordeste do que a qualquer dynamismo psychico, força criadora da alma ou altas inspirações.

Em qualquer aggrupamento humano, ha sempre a considerar a materia social ou massa, o volume e a energia susceptivel de augmentar ou diminuir dentro do circulo respectivo, conforme as circunstancias ambientes (internas ou externas). A sociedade progride, evolve quando consegue transformar essas energias que ordinariamente resultam de acções violentas, em energias que facilitem a conformação dos individuos ao meio social, estimulando os processos adaptativos, numa justa proporção e, destarte, reduzindo o quantum despotico.

A observação mostra que as sociedades procuram sempre augmentar o acêrvo das suas ener-

gias, mas, essa acquisição importa num relativo accrescimo de despotismo. Por exemplo, o augmento do sentimento de moralidade administrativa, que representa augmento de energia, póde integrar-se num grupo de individuos assás grande para provocar uma forte reacção, ao ponto de dar lugar a uma revolta armada contra os poderes politicos. A violencia é, então, manifesta e o **quantum** despotico toma vulto consideravel. Porém, se de tal situação resultar a transformação da energia violenta em energia civil, a sociedade progrediu, evoluiu no sentido directo da sua finalidade desconhecida. Si, porém, isto se não dá e a energia se degrada, o **quantum** despotico persiste elevado, acima do nivel anterior; a sociedade regressa, involve, tornando a uma phase por onde já passára.

Parece opportuno observar que ha revoluções e dictaduras que, pela clarividencia dos seus promotores e representantes, conseguem promptamente uma feliz transformação das energias violentas desenvolvidas em energias civilizadoras. Esta transformação nunca se faz integralmente; uma parte, mais ou menos grande se degrada, perde-se vencendo resistencias passivas. A sabedoria dos dirigentes mede-se pelo rendimento que conseguem dar áquella transformação. Quando este rendimento excede certo limite, logo se manifestam os signaes da evolução social pelo alargamento do seu círculo de influencias (augmento do espaço social) e pelo decressimo evidente do **quantum** despotico (melhor ajustamento interno). A politica, que já tem elementos para ser mais scientifica, roja-se ainda commumente num retrogrado empyrismo, tangida pelos sentimentos e pela tradição, senão, num esforço inutil, cae num apriorismo perigoso de que resulta, entre outros factos tristes, esse excesso de leis e decretos inadaptados ás situações vigentes. A condição necessaria e sufficiente para fazer-se a transformação de energias violentas em energias propulsoras do progresso geral, nestes casos, é a applicação de

uma politica adequada, justa e nergica, livre de julgamentos que repousam em sentimentos obscuros que, do fundo do inconsciente ou do subconsciente, aguardam occasiões propicias á sua manifestação perigosa; uma politica assente em conhecimentos da realidade, sem phantasias e sem racionalismos imcompativeis com a equilibrada mentalidade humana e que somente se obtem com o concurso prudente dos technicos.

O augmento de energias póde dar-se por intermedio de qualquer dos processos communs de adaptação social religioso, moral, economico, scientifico, etc. Nos dois ultimos seculos, o surto de energias que tiveram as sociedades occidentaes provém dos processos scientificos e, entretanto, se bem consideravel, o rendimento da transformação das energias não lhe foi proporcional. E' que falhando marcha igualmente accelerada aos outros processos, e até parece que por não terem tido certos delles nenhuma propulsão, faltou a desejavel harmonia para a perfeita transformação das energias violentas em energias uteis, com o minimo de desperdicios. A acceleração desproporcionada de alguns processos adaptativos provoca desequilibrios de que podem resultar manifestações de energias violentas, determinando phenomenos historicos caracteristicos.

O melhor exemplo deste facto foram o desenvolvimento e propagação do christianismo e a serie enorme de factos historicos consequentes.

A energia, sob qualquer fórma por que se manifeste, tem relações íntimas com o meio cosmico. Muitas vezes estas relações, por deficiencia dos nossos conhecimentos, são difficilmente perceptiveis, pelo que nos parecem obscuras ou incompletas. Geralmente, porém, ellas têm aspecto nitido.

Repousando o augmento de energias sociaes nos elementos geographicos, é elle evidente quando se manifesta através dos processos economicos (exploração de ricas jazidas mineraes, cultivo de solo fertil etc.).

Mas, tambem surpreendemos a sua origem nos processos politicos que auferem enorme somma de energia do meio geographico (differenciação physica do solo, espaço, posição etc.).

Os processos de adaptação religiosa e moral, embora mais rebeldes á interferencia cosmica, deixam perceber relações mais ou menos nitidas e completas.

Na infancia das sociedades os homens adoravam pedras, montanhas, rios, aguas, arvores, animaes; a lua era objecto de culto, bem como o sol, o raio, as estrellas etc. E deste procedimento religioso as sociedades rudimentares tiravam o melhor da sua energia evolutiva. A ethica, que de principio formava com a religião um conjuncto syncretico, participava igualmente da influencia geographica.

Os demais processos de adaptação social revelam tambem, com mais ou menos clareza, as suas relações com a geographia de que auferem energias: a arte, copiando a natureza; o direito, que não é phenomeno peculiar á alma humana, e, portanto, se integra no quadro geographico etc.

Não ha, pois, por onde escaparem a sociologia e a historia da influencia dos agentes geographicos que lhes estão constantemente a dictar uma orientação, uma possibilidade ou uma impossibilidade.

Resta respigar algumas considerações em torno de certos factos historicos da peninsula Iberica, em relação com os factores geographicos que sobre elles actuaram. Seguindo a ordem em que foram tratados no "Parentesis", passamos rapidamente pelos principaes ali apontados.

Individualidade da civilização iberica — Não provém, como affirma o "Parentesis", da permanencia dos árabes, mas de todo o conjuncto de circunstancias geographicas, physio-psychologicas e socio-his-

toricas que lá se processaram, dando uma resultante vectorial que é essa mesma individualidade. A permanencia dos árabes foi uma variavel desse systema de funcções; certamente, influiu, imprimindo ligeira feição á resultante. E' indispensavel observar que se não póde nitidamente perceber, por uma analyse superficial dos phenomenos, essa feição. Os effeitos se combinam, não se misturam. Quem, pelo simples aspecto e desconhecendo os segrêdos da chimica, percebe que a agua provém de dois gazes de propriedades tão diversas das do liquido resultante? Nessa individualização da peninsula, phenomeno extremamente complexo, integral de muitas differenciaes, uma analyse elementar iria descobrir a contribuição de todos os elementos ethnicos que se fixaram ou passaram demoradamente pela região, desde os tempos prehistoricos, pois todos deixaram com o sangue, parcellas do seu caracter. O processo historico, certamente, concorreu poderosamente para essa especialização. Realmente, com as invasões numerosas, occupações militares e conquistas violentas, as surprezas das guerras, a iminencia e perigo das batalhas, os azares das luctas cruentas durante longos e frequentes periodos da historia peninsular, formou-se uma população cuja vida era incerta como o destino, tormentosa e rude como os combates. Pela disciplina férrea e necessaria aos prolongados estados de guerra, pela subserviencia e servilismo aos chefes militares, duros e crueis, gerou-se o sentimento de veneração e cavalheirismo de onde promanam as variantes tradicionalmente conhecidas — a credulidade excessiva e o lealismo, aquella aggravada pela falta de instrucção e este exaltado pela dignidade militar.

Mas, num meio social, destarte aleatorio, revolto e precario, a cogitação dos homens volta-se principalmente para a defesa pessoal ou collectiva, não sobrando tempo sufficiente para investigações de outra natureza. Por sua vez, o flagello das sêccas que

frequentemente devastava certas regiões aggravava a situação moral. O povo, na angustia dos soffrimentos, esgotado pela fome, habituara-se a appellar confiante para a clemencia divina. Assim se avigorou o fatalismo, já natural na mentalidade prelogica dos antigos.

No dilatado periodo de invasões e occupações estrangeiras, as guerras tinham, além do caracter politico, um positivo **fácies** religioso, pois que se defrontavam povos de seitas irreductiveis. Deste facto parte provavelmente o fio conductor á alliança indissoluvel e profundamente caracteristica do clero espanhol com os chefes militares, com os reis.

De taes circunstancias decorrem muitos acontecimentos curiosos da vida dessa gente: um novo e vigoroso estimulo do espirito religioso que alimenta o mysticismo nacional; explica em parte a falta de iniciativa para o trabalho productivo e organizado por isto que esperam todos os bens, como todas as providencias — de Deus, dos santos, dos chefes, dos administradores, dos soberanos, do governo. Dahi, tambem a indifferença pela marcha ascencional da cultura, de que ainda hoje se resente a Peninsula.

Para prevenir objecções, não se conclúa do quadro que esboçamos que somos dos que acreditam num eterno crepitar de batalhas no palco historico de Espanha. Sabemos de trégoas longas, periodos de paz, em cujo seio as organizações politicas e economicas achavam equilibrio estavel. Os romanos deram á Iberia dias pacificos e de prosperidade que os godos procuraram reproduzir com relativo êxito e os árabes conseguiram ao ponto de construirem gigantescas obras de irrigação.

A preponderancia, porém, do estado de guerra, de ameaças terriveis, de reivindicações; o contínuo esforço dos invasores para se firmarem solida e definitivamente e dos invadidos para libertarem o solo da patria dos intrusos, o desasocego consequente desta situação instavel davam certamente á sociedade

uma incommoda estabilidade. Compreende-se como de preferencia os attributos marciaes, a iniciativa rapida para a defesa ou o ataque, o enrijar do corpo e da alma, a ousadia, o espirito de aventuras e de disciplina brotavam vigorosos e se desenvolviam luxuriantes.

Foi assim que á constituição intima dos cavalheiros se soldava, ao par do seu lealismo heroico, essa dureza de modos e fria crueldade de que deram sobejas e lastimaveis provas nas conquistas do novo-mundo.

Nesta rapida synthese procuramos dissociar os determinantes historico-sociaes, mas os factores geographicos resaltam a cada instante, interferindo e orientando o conjuncto dos accontecimentos.

A posição geographica da Peninsula concorre principalmente para explicar a causa das invasões e o prolongado estacionamento dos invasores, em geral.

A configuração vertical do solo contribuiu muito para a demora das luctas, sobretudo dessas guerrilhas interminaveis que foram de tanto préstimo na expulsão dos árabes.

As sêccas calamitosas e frequentes em certas zonas, como vimos, influiram exaltando certas qualidades moraes — religiosidade, mysticismo, fatalismo.

Além dessa acção directa, os factores cosmicos agiram indirectamente.

A posição e a configuração do terreno, contribuindo para que se multiplicassem as invasões, as guerras e o demorado estado de luctas, contrapunham contendores de credos diversos, donde o cunho religioso dos conflictos que creavam e entretinham a alliança dos soberanos e do clero, cuja supremacia social e politica deu lugar a uma larga serie de factos historicos dos mais caracteristicos da Peninsula, e, ainda agora, estimulam acontecimentos de grande significação historica e social.

A estadia dos musulmanos foi longa, mas tem-se como certo que a sua presença apenas contribuiu para avigorar certos caracteres moraes, já dominantes nas populações ibericas. Os invasores propriamente árabes eram pouco numerosos; o grosso dos exercitos constava principalmente de mouros.

Os elementos ethnicos de origem africana, antes das conquistas sarracenas, já tinham levado á Peninsula grandes contingentes de sangue e attributos moraes, persistentes como o sentimento de igualdade, de independencia e hombridade. Os árabes não fizeram mais do que reforçá-los ao mesmo tempo que avigoravam o espirito religioso, aliás já muito robustecido, as tendencias aventureiras e o animo guerreiro que a historia e a geographia tinham despertado e orientado anteriormente, como referimos.

Na antiguidade, a Espanha era mais africana do que européa; a barreira dos Pyrineus, mais do que as Columnas de Hercules, constituia limite ethnico, geographico e geologico dos dois mundos.

A accessibilidade maritima da Peninsula nos tempos idos não tinha a importancia de agora; a noção de pôrto era completamente differente da actual. As condições naturaes dos ancoradouros antigos, destinados a abrigarem pequenas embarcações de remo ou de velas, eram quasi inversas das que se exigem depois dos paquetes a vapor, dos transatlanticos, verdadeiras cidades fluctuantes de enorme calado. Qualquer praia abrigada de ventos bastava outrora, e se essa praia era rasa, formando rampa, tanto melhor, porque permittia pôr os navios a sêcco com facilidade para reparos e limpezas. Decorre destas considerações que a accessibilidade das costas espanholas era igualmente facil do lado do Atlantico como do lado do Mediterraneo, salvo alguns trechos limitados, num e noutro litoral.

A muralha pyrenaica influiu na caracterização moral e intellectual da Iberia, isolando-a efficiente-

mente do resto da Europa. Maugrado as invasões germanicas que se fizeram pelo Norte, através da montanha, pelas poucas e difficeis passagens praticaveis, a cordilheira constituia formidavel factor de segregação, obstando o cambio regular e frequente de idéas e de mercadorias e até mesmo limitando ou reduzindo as invasões. As conquistas germanicas não offerecem a importancia fundamental que se tem pretendido dar-lhes, como base da nacionalidade. Os nórdicos entraram difficilmente, em numero relativamente reduzido, aproveitando momentos especiaes, quando as fronteiras estavam desguarnecidas de soldados romanos, bem como toda a colonia. Realmente, tanto era assim que depois de séculos ainda não tinham elles forças sufficientes para inpedirem que as primeiras e frageis hostes mulsumanas lhes conquistassem o dominio. Por outro lado a pouca importancia daquellas invasões decorre ainda do facto verificado, hoje, a respeito da insignificancia somatologica que deixaram os nórdicos na peninsula, tal como já se havia confirmado com relação aos celtas que anteriormente haviam tambem transposto a montanha.

A analyse anthropologica mostra que o typo teutonico de elevada estatura, leptorrhino e louro é raro, sendo a massa dos habitantes peninsulares formada de gente baixa, morena, leptoprosope, embora dolichocephala. Para Lapouge, ha na peninsula Pyrenaica apenas 1% de dolicho-louros de que um parte póde ter origem africana; 14% de brachioides e 85% de dolichocephalos.

Os sarracenos que transpuzeram os Pyrineus não o fizeram com elementos sufficientemente fortes e numerosos para vencerem os exercitos de Carlos Martel e Carlos Magno. O mesmo facto muito depois se repetiu na invasão das tropas napoleonicas que foram obrigadas a retroceder. Uma das razões da dificiencia das fôrças invasoras está na difficuldade que as montanhas oppõem ao transito.

Influencia do clima. — Não ha geographo que modernamente invoque a velha e caduca theoria do poder directo e plasmador dos climas sobre os homens e as sociedades; portanto, muito menos na modificação de qualidades moraes, intellectuaes, ou como promotor de phenomenos historicos. Não ha, pois, razão plauzivel para o "Parentesis" trazer á balha o conceito segundo o qual o caracter duro e austero do castelhano e a sua capacidade para a colonizção em paizes longinquos teriam resultado do clima áspero da meseta. O clima age indirectamente, influindo sobre o modelado do terreno, dando-lhe, de accôrdo com outros agentes, uma physionomia especial, ou através da flora e da fauna que determina em alta dose.

Sentido e processo das invasões. — Não é certo dizer que o sentido e processo das invasões dependeram sempre menos da geographia que da propulsão interior e do caracter da civilização invasora. A confusão resalta patente. O que depende destas qualidades moraes é a iniciativa, o dynamismo das invasões. A direcção, o sentido e o processo segundo o qual foram conduzidas é especialmente funcção das circunstancias ambientes, do meio physico das regiões invadidas: posição, espaço, natureza e configuração do terreno, vegetação, vias de communicação, condições demographicas etc. Por que a Inglaterra não soffreu invasões sarracenas? De certo, aos árabes não faltaram vontade e animo para fazê-lo.

A geographia dos invasores. — Na actualidade, as invasões béllicas, as excursões e até os exercicios venatorios exigem ou presuppõem conhecimentos geographicos, mas, naquelles tempos, nada importava aos invasores "conjunto panôramico ou fisionomia de continentes", cartographia, traçado de caminhos; bastava-lhes a direcção geral; o mais constituia problema que se resolvia **in loco**, com os recursos disponiveis. Estava deliberado conquistar a Espanha; feitos os elementares preparativos béllicos só restava

transpôr o estreito, caminho naturalmente indicado; a topographia peninsular diria depois que rumos e que planos importava concertar para as campanhas de mais proximo ou immediato alcance.

Os invasores de outrora, mesmo sem cartas, sem conhecimento panôramico das regiões, vinham do centro da Asia e precipitavam-se pela Europa a dentro, tangidos pela necessidade e guiados pela geographia das regiões que palmilhavam.

Unidade politica da Peninsula. — Antes da separação da **"banda occidental"** esta unidade, a unidade politica, coincidindo com os limites naturaes, promana em bôa parte da segregação geographica. Este isolamento é relativo, mais ou menos efficiente conforme as circunstancias do relêvo, o aspecto das costas, o clima e o estado de cultura dos povos. De qualquer forma, nunca é absoluto; mas, numa época dada, póde ter grande efficiencia e bastar para explicar, em concomitancia com outras causas, certos phenomenos sociaes e historicos.

A organização politica faz parte do estímulo biophylatico, tende a se constituir em qualquer parte onde se congregem seres humanos. A autonomia politica, porém, é muito mais exigente, requer condições especiaes de meio geographico, meio demographico e meio social. No que diz respeito ao primeiro, a observação mostrou que a sua importancia é consideravel e que de todas as sociedades a mais intimamente relacionada com o solo é, de facto, a politica.

A autonomia da Peninsula vinha de longa preparação. Minimo valor tem, nesta explicação, a affirmativa de que, "sem francos ao norte e sem árabes ao sul, nem os Pirineus nem o estreito seriam limites". O mesmo poder-se-ia dizer: sem francêses, hollandêses e inglêses ao norte e sem espanhoes ao sul, nem a serra de Tumukumak nem o Chuy seriam limites do Brasil. São expressões inanes com que não convem perder tempo.

A noção de fronteiras e a sua evolução têm sido cuidadosa e proficientemente estudadas. Sabe-se que ellas dependem directamente da expansão politica de regiões activas que se defrontam, sendo, portanto, o seu traçado muito contingente. Contudo, isto não quer dizer que certos accidentes geographicos possam condicioná-las, impedindo ou retardando aquellas expansões. Se não fôssem os Andes, os nossos limites occidentaes seriam outros, pois que os espanhoes do Pacifico teriam antes de nós, com mais firmeza, occupado o oeste de Matto-Grosso.

O facto de uma zona ser ou deixar de ser muitas vezes transposta em qualquer sentido não impede se torne posteriormente fronteira politica, maximé quando ella, pelos seus attributos geographicos, offerece condições favoraveis para isto, como são os Pyrineus.

Os homens vencem com mais ou menos difficuldades os accidentes geographicos, os obstaculos naturaes, montanhas, rios, desertos, oceanos; mas isto não obsta que taes accidentes condicionem directa ou indirectamente, certas particularidades da sua vida historica. Se o estreito de Gibraltar tivesse em vez de 13 kilometros, o décuplo e não existissem os Pyrineus, certamente o particularismo social iberico seria outro; teria cunho mais accentuadamente europeu. A influencia teutonica poderia ter sensivelmente igualado ao que fôra na Gallia, e os árabes e berberes lá não conseguiriam descansar sete seculos.

A alma pela geographia: —

Proclama o "Parentesis": "E' possivel caracterizar uma fisionomia geographica, interpretá-la geologica e tectonicamente, mas como explicar pela geologia, pelo relêvo, pelo clima e pela flora a formação de uma alma e a peculiaridade duma civilização? O meio fisico permanece, mas as almas que o habitam e lhe sofrem constante influxo variam e até se contradizem no conspecto dos seculos".

Por tudo quanto anteriormente temos referido

sabe-se que a geologia, o relêvo, o clima, a flora não bastam para explicar os phenomenos sociaes por si; elles são apenas, conforme a sua intensidade, direcção e sentido, elementos mais ou menos efficientes de orientação, estímulo ou limitação desses phenomenos. Não ha, hoje, quem pretenda explicar a alma somente pela geographia; ha, porém, quem pretenda explicar parcialmente pela geographia por que razão ella preferiu seguir tal rumo, por que agiu aqui com mais êxito e ali com infelicidade, etc.

Já vimos que o meio physico não permanece tão immutavel como se affirma, embora não varie tão rapidamente como as almas que soffrem o seu constante influxo. Estas, contudo, não escapam á sua influencia e o tal influxo constante acaba por lhes dar habitos que se inveteram e, depois, vão servir para alguma cousa. Os habitantes das altas regiões, acostumados ás baixas pressões athmosphericas, resistem muito mais a certos trabalhos no seu ambiente do que os moradores das planicies baixas. Porque os povos que vivem nas regiões arcticas não se fixam ao solo nem se organizam politicamente em estados? Os esquimós vagam dos fjords de Angmagsalik á foz do Makensie, ora por mar ora por terra, em grupos reduzidos, sem outro ideal que o de satisfazer immediatamente as suas necessidades vegetativas. As tribus indigenas das florestas amazonicas ou do Congo, fixadas ao solo, mas sem densidade sufficiente e contiguidade demographica, abafadas pela vegetação luxuriante que de todos os lados lhes restringe os horizontes, não podem, ao contrario das que habitavam os planaltos andinos, ter veleidades que excedam ás possibilidades locaes. Por que essas almas, talvez moldadas nas mesmas fôrmas que serviram á plasmagem dos astecas e incas ou respectivamente dos negros dos campos, differem tanto destas? Por que lhes faltam "força criadora", "altas inspirações, "capacidades sobre-excitadas", "potenciação misteriosa"?

Não será, pelo menos em parte, a consequencia desse influxo do meio?

A ambiencia ingrata não proporciona áquelles povos recursos necessarios para que as suas almas variem como variam as de outros povos que habitam meios proprios para isto. A difficuldade de obter alimento entre os esquimós impede a concentração de um numero grande de individuos; a falta de contiguidade humana pela interposição isoladora da floresta, entre os equatroriaes, impede-os de attingir as condições necessarias e sufficientes para certos surtos civilizadores. A variação é uma condição de progresso e, quando a ambiencia não varia sufficientemente, as almas, que lhe soffrem o influxo, tambem não variam apreciavelmente.

Regionalismo historico parallelo a regionalismo geographico. — Negam os scepticos das influencias cosmicas sobre os factos historicos esse parallelismo. Entretanto elle existe, somente não se mostra tão estreito como julgavam alguns autores; obedece a limites determinados, não comportando phantasias nem julgamentos aprioristicos.

O autor do "Parentesis anti-geographico" nota que o professor Dantin descobriu na Peninsula 17 regiões naturaes e não se póde achar outras tantas caracterizações sociaes correspondentes. Ora, esta divisão é excessiva.

Antes de mais nada, cumpre anotar que taes regiões não se differenciam sufficientemente entre si, que os habitantes de cada uma dellas não vivem isolados, segregados no seu estreito âmbito, isto é, elles soffrem tambem influxos das regiões vizinhas e deste modo a caracterização geographica perde muito do seu poder como differenciador de almas ou orientador de phenomenos historicos.

Não temos como "magistral" a divisão da Peninsula em tantas regiões. De facto, geographicamente, o caracter dominante é a massividade, ao

ponto de ser a Iberia comparada a uma pequena Africa (Cavaignac).

Grande planalto central occupa 60% da superficie da peninsula, comportando apenas duas regiões, a Velha Castella, com 800 metros de altitude média e a Nova Castella, um pouco mais baixa (600 metros de altitude média). A primeira, mercê do seu relêvo accidentado, foi o ultimo reducto dos celtiberos contra Roma; foi ainda um seu recanto que abrigou, com perfeita segurança, os nacionaes propelidos pelos árabes. Ali, graças ás condições do meio physico puderam retemperar-se e de lá partiram, adoptando tactica militar dictada pelo aspecto do solo, para a expulsão dos invasores sarracenos. Vê-se que, dentro de limites convenientes, se acha uma relação ligando os feitos historicos á geographia local dessa região.

A Castella Nova é desprovida de differenciações notaveis; somente á sua posição central deve, por duas vezes, ter sido a séde do Governo. Esta supremacia promana simplesmente da posição e nunca da colonização da America ou da vida européa. Aquella circunstancia teria levado a hegemonia a Cadiz e esta a Barcelona.

Na peripheria, bordando o mar, distinguem-se algumas regiões: Orientada para a Africa Menor, um trecho desta facha se differencía pela posição e pela natureza do terreno. Sua especialização historica vem das velhas minas que os antigos exploravam e atrairam o interesse commercial dos carthagineses.

Mais ao norte, a zona costeira voltada para a Italia, conteve a capital romana da Espanha (Tarragona) e depois a cidade de Barcelona, notavel pelo seu particularismo industrial, que ainda uma vez se patenteia na ordem politica, consequencia primordial da maior vasão dos rios que se alimentam abundantemente nos Pyrineus. Outras consequencias da

posição (facto geographico) foram as ambições dos reis de Aragão sempre voltadas para a peninsula Italiana.

Ao sul, olhando o Atlantico, está uma região em parte comprimida entre o mar e a Sierra Nevada. A sua velha historia liga-se ás minas de prata da montanha, já exploradas pelos tartessianos. A situação meridional e o clima explicam a esplendida vegetação subtropical e a natureza do solo que os árabes valorizaram (vegas de Granada, Córdua, Sevilha). O estreito de Gibraltar possue tão evidente expressão historica que já não comporta referencias. Amplamente debruçada sobre o Oceano está a região lusitana, geographica e politicamente individualizada. Geographicamente dizemos porque, embora sendo uma zona peripherica como a Andaluzia, se destaca de Espanha pelas suas gargantas de erosão e profundos estuarios de tres importantes rios e respectivos affluentes, e este facto constitue fronteira natural, mais efficaz que cadeias de montanhas; depois, mais do que qualquer outra porção da Peninsula, está relacionada com o mar, mercê daquelles mesmos estuarios por onde a vaga penetra fundo no interior das terras. Ainda mais, tendo os mesmos productos que outros lugares da Iberia, economicamente, teria de dar as costas á Espanha e voltar-se para o oceano (Theobald Fischer). A differenciação physica desta região concorreu certamente para despertar bem cedo o espirito commercial e o instincto de independencia politica.

A observação cuidadosa, desnudada de quaesquer phantasias, mostrou que nas zonas mais profundamente differenciadas physicamente a tendencia das sociedades politicas para se organizarem em Estados é muito maior do que nas menos differenciadas. Jamais um estado complexo nasceu em região demasiadamente uniforme, sem variações de caracter physico e humano. Os estados do Brasil e da America do Norte nasceram no littoral, região muito

mais rica em differenciações geographicas do que o interior.

Ao norte de Espanha está a Galizia, com o seu littoral recortado e solo accidentado, em estreita connexão com a cadeia Cantabrica, lugar por excellencia propicio para refugio dos povos vencidos mas não destruidos em as outras regiões da Iberia. No norte, estava o reinado independente de Navarra, cujos habitantes eram particularmente ligados ao terreno e privilegios locaes e se distinguem ainda pelo seu absolutismo ultramontano.

Finalmente, uma 8ª. região póde ser permittida, individualizada pela montanha pyrenaica, cuja funcção historica e politica consistiu em difficultar as communicações entre Espanha e França e isto tão efficientemente que apesar dos numerosos factos que estimulavam a approximação dos dois paizes, como a mistura de celtas e iberos, a commum dominação romana, as cruzadas, reino dos Bourbons, as relações foram sempre raras, e mesmo em periodos de paz caracterizaram-se por uma certa desconfiança e reserva (Cavaignac).

A segmentação excessiva duma região em zonas naturaes torna-se abusiva e geralmente tem algo de arbitraria e não tem nenhum prestimo. O Nordeste constitúe região natural, geographicamente bem caracterizada, sobretudo pelo clima, entretanto, dentro della é possivel achar outras regiões naturaes de áreas mais limitadas, como o Ceará, por exemplo, perfeitamente especializado. Dentro do Ceará poderiamos ainda ter divisões naturaes: bacia do Jaguaribe, (alto e baixo Jaguaribe) vertente da drenagem costeira, bacia do Acaraú, vertente do Poty. Poderiamos fazer differentemente a subdivisão: região littoranea, sertão e serras; ou ainda: Cariry, planalto dos Inhamuns, sertão da Mombaça, sertão do Quixeramobim, varzeas do Jaguaribe, serras archeanas, planalto do Araripe, chapada da Ibiapaba, sertão do Crateús, sertão do Aracaty-assú, costa do

norte, praias do Aracaty etc. e assim por diante, dando a cada secção um ou mais caracteristicos geographicos. Mas, poder-se-ia, porventura, pretender que cada uma destas subdivisões, embora naturaes, tivesse a sua especialização social, religiosa, moral, politica, historica ou mesmo somatica? Absurdo!

A maneira aprioristica e leviana de fazer historia redunda em êrros grosseiros que perturbam e atrasam a verdadeira sciencia. Dizer-se por exemplo que a nação portuguesa é devida a um fortuito casamento de principes, não parece cousa digna de muita attenção, embora tal conceito corra mundo, com bons attestados. Muitos casamentos de principes não produziram nações, nem mesmo aparentemente. O reino de Castella tambem se constituiu artificialmente por obra e graça de um casamento de principes, mas não teve viabilidade, porque faltaram á construcção as materias primas de maior importancia.

União da geographia á historia. — "A velha idéa da indissoluvel união da geografia á historia era defensavel quando era pura descrição fisica de scenarios, enquanto se limitava ás mais evidentes relacionações, as que o simples senso commum aponta. Mas, êsse mesmo aspecto rudimentar da explicação geographica da historia sofre correções surpreendentes. Ha povos maritimos durante seculos desinteressados do mar, com Inglaterra e França".

Essa velha idéa, devidamente purgada dos exagêros racionalistas, reduzida aos seus justos termos, ingressou na sciencia com evidente proveito para a geographia e para a historia. Uma das grandes conquistas do pensamento moderno foi estabelecer positivamente a correlação de todas as sciencias.

A imperfeita observação dos factos, a difficuldade de experimentação e por conseguinte de analyse profunda, deram lugar, outrora, a conclusões simplistas e muitas vezes ridiculas. O conhecimento do mundo era pormenorizado, mas obedecia ao pluralis-

mo das sensações, sem attenção á causalidade reciproca dos phenomenos. Depois, como ainda é muito commum agora, explicavam-se os factos pelo desenvolvimento quasi infinito de pequenas verdades, raciocinando-se desbragadamente, sem attender tambem á interdependencia de motivos que produziam os phenomenos. Agora, porém, nos meios scientificos, isto já se não admitte e a indagação dos factos subordina-se a methodos rigorosos de observação, comparação e experiencia, dissociando pela analyse todos os elementos ou partes dos phenomenos, inclusivé dos accontecimentos historicos. As conclusões são tiradas, não por deducção, mas por inducção, integrando-se numerosas differenciaes.

Muitos, porque julgam que os mestres da sciencia historica e geographica ainda rastejam no abusivo racionalismo, saem-se com estiradas do genero da que transcrevemos acima. A longa serie de factos referidos neste artigo mostra que a historia não se divorciou da geographia; antes, os laços que as uniam se estreitaram e se fortificaram.

A ultima parte da citação referida serve para mostrar como o relacionamento da geographia e da historia se faz positivamente.

De passagem observemos: não ha povo filho do mar que póde ser um campo de actividade importante, mas nunca o berço de uma nacionalidade. As circunstancias physicas ou mesologicas, a orientação historico-social em intima connexão podem determinar o interesse e o aproveitamento economico ou politico do mar. Foi o que se deu em Portugal e na Espanha quando, depois de breve preparação, se lançaram á conquista de novos mundos, através de oceanos ignotos.

Os povos que, hoje, merecem o qualificativo de maritimos, mesmo a Inglaterra que o mar envolve completamente e o Japão, não adquiriram esse attributo pelo contacto que os seus territorios sempre tiveram com o mar, mas em virtude de certas circuns-

tancias definidas. O oceano participa da formação do Estado inglês, não pela facilidade que offereceu á constituição da sua potencia maritima que somente muito tarde nasceu e se desenvolveu, aliás, por causas outras.

Elle, entretanto, concorreu para a eclosão do Estado ao lado da particularização do territorio, notavel pelas suas differenciações physicas, pela posição e facilitou esse accúmulo de differenciações biologicas consequente da superposição de alluviões humanas, oriundas de raças energicas — saxões, dinamarqueses, normandos — que se vieram infiltrar, através do mar, pelo caminho facil do mar, entre os indigenas célticos.

Apanha-se aqui o relacionamento exacto, prudente, certo entre a geographia e a historia inglêsa sob varios aspectos.

De tudo quanto temos dito não se pode logicamente concluir que "o determinismo mesologico", visto através do prisma scientifico, "seja uma superfetação" mesmo quando "pretende ascender ás formas superiores da vida historica".

Os factores geographicos, ainda uma vez repetimos, condicionam phenomenos historicos dando-lhes certa intensidade e orientação. Jamais assumem a responsabilidade de iniciadores que compete ao psychismo humano; alliam-se ao meio social, ás tendencias do processo historico e assim estimúlam, encaminham dentro de certos limites, acceleram, retardam ou tornam impossivel o facto historico.

O historiador consciencioso adstringe-se a estes principios rigorosamente e não vai adiante, perder-se em phantasias e apparencias enganadoras.